

## ECOLOGIA LINGUÍSTICA DA PALAVRA-CHAVE “NEGACIONISMO”: DO ELEMENTO LINGUÍSTICO A UMA CRÍTICA SOCIOCULTURAL DE UM FENÔMENO DIFUSO

Cláudio Márcio do Carmo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto traz uma análise do negacionismo a partir da junção da Análise Crítica do Discurso – de maneira mais específica aquela que institui o raciocínio dialético como metodologia (Fairclough, 2015; 2018) – em interface com a Linguística de Corpus, inspirado no trabalho de Magalhães (2004), em sua abordagem de *palavras-chave* (Williams, 1976), para análise de *corpus de pequena dimensão* (Sinclair, 2001). A partir desse aporte, buscamos analisar um corpus de textos midiáticos sobre negacionismo, como contribuição para averiguar as relações lexicais que constroem uma argumentação e uma série de articulações que procuram sustentá-lo, bem como indicar os vieses com os quais ele se conecta numa tentativa fundante de desconstrução de saberes instituídos como o da ciência. Como resultado, percebemos a fragilidade do negacionismo, mas o perigo que representa ao sair do universo das ideias para o universo do comportamento, na forma de negação sem argumentação plausível ou com ela fragilizada e sem uma validação de propostas, gerando um ambiente insalubre para todos, especialmente para os próprios negacionistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Negacionismo. Raciocínio dialético. Argumentação.

**ABSTRACT:** This text brings an analysis of denialism from the junction of Critical Discourse Analysis – more specifically the one that establishes dialectical reasoning as a methodology (Fairclough, 2015; 2018) – in interface with Corpus Linguistics, inspired by the

---

<sup>1</sup> Professor Titular de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São João del-Rei, atuando na Graduação e no Mestrado em Letras. Licenciado Letras (Português, Inglês e respectivas Literaturas) pela Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei, atual Universidade Federal de São João del-Rei. É Mestre em Linguística e Doutor em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui Pós-Doutorado em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo, sob a supervisão do Professor Dr. Kabengele Munanga, e em Linguística Aplicada, pelo Instituto de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos da Universidade da Geórgia, sob a supervisão do Professor Dr. Richard Gordon. É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: [claudius@ufsj.edu.br](mailto:claudius@ufsj.edu.br)



work from Magalhães (2004), in his approach to *keywords* (Williams, 1976), for the analysis of a *small corpus* (Sinclair, 2001). From this contribution, we seek to analyze a corpus of media texts about denialism, as a contribution to ascertain the lexical relations that build an argument and a series of joints that seeks to sustain it, as well as to indicate the biases with which it connects in a founding attempt to deconstruct knowledge instituted as that of science. As a result, we perceive the fragility of denialism, but the danger it represents when leaving the universe of ideas to the universe of behavior, in the form of denial without plausible argumentation or with it weakened and without validation of proposals, generating an unhealthy environment for all, especially for the denialists themselves.

**KEYWORDS:** Denialism. Dialectical reasoning. Argumentation.

## INTRODUÇÃO

Segundo Guimarães e Carvalho (2020, p. 3), o negacionismo ocorre quando “as crenças pessoais torn[am]-se, para alguns indivíduos, superiores aos fatos: é o ‘declínio da verdade’”. Dentro desse espectro, é preciso assumir de alguma forma que a verdade existe. Entretanto, não será nosso objetivo tratar o tema da verdade, tema este muito caro à Filosofia. Aqui, empreenderemos uma pesquisa de base empírica quanto às formas de representação do negacionismo a partir de uma visão linguístico-discursiva, sendo a noção de verdade perspectivada mediante os dados que representam e concebem o mundo por diferentes prismas, não sendo um sinônimo em si de uma pós-verdade.

Assumiremos a premissa, a partir de Charlot e Charlot (2021), de que há uma crise da relação com a verdade, sendo esta crise mais relevante e esclarecedora que aquela que subsuma a pós-verdade, tendo em vista que a pós-verdade leva a uma ideia de que o negacionismo viria posteriormente à verdade. Juntamente com os autores, “negamos que o negacionismo seja uma crise da verdade e sustentamos que é uma crise da relação com a verdade” (Charlot; Charlot, 2021, p. 11). Eles esclarecem com isso que as sociedades em geral admitem certos enunciados como verdades, sejam eles religiosos, filosóficos ou científicos.

Por essa razão, a questão não é saber se são verdades, mas que são admitidos dessa forma, o que, a nosso ver, adentra no universo da representação que se dá por meio da



linguagem e do discurso, a partir das instituições que lhe dão origem, legitimidade e reconhecimento social. E para essa discussão, tomaremos parâmetros oferecidos pela Análise Crítica do Discurso, sobretudo a abordagem do raciocínio dialético de Fairclough (2015; 2018).

O negacionismo vem, pois, ao encontro de uma crise da verdade nas instituições legitimadoras, tendo em vista que certos indivíduos e grupos da sociedade questionam a própria legitimidade institucional, utilizando-se dele como mecanismo precursor de desconfiança. Charlot e Charlot (2021, p. 11) chamam a atenção para o fato de as contradições entre religião, ciência e mídia terem se intensificado e que essa é a principal razão para a crise social da relação com a verdade, já que a própria sociedade não consegue gerenciá-las, pois “não se confia mais nos políticos, na mídia, no Parlamento, na Justiça, na Polícia e numa grande parte das instituições públicas”. E, nessa esteira, “quando a própria Ciência perde sua credibilidade, não há mais árbitros para os conflitos causados pelas contradições sociais” (Charlot; Charlot, 2021, p. 11). Assim, com o amparo do Iluminismo e do positivismo por um lado, e pela modernidade e democracia por outro, a Ciência trouxe progresso, a exemplo da tecnologia e das vacinas, mas também gerou várias ameaças, como energia nuclear, aquecimento global, dentre outros, que podem demonstrar o contraditório que se tornou pano de fundo para muitas teses negacionistas. Há, então, avanços, mas também vários temas que apelam ao elemento emocional ao impactar de forma ameaçadora à vida humana, gerando uma politização e polarização dos problemas sociais e gerando tanto uma resistência cidadã quanto o negacionismo.

Charlot e Charlot (2021), amparados em referências específicas, esclarecem que a resistência cidadã ocorre quando não se nega, silencia ou rejeita os saberes científicos e médicos, recusando-se à submissão social ao inevitável, enquanto o negacionismo insurge como uma ditadura da convicção que resiste à palavra oficial, à possibilidade de dúvida e abertura ao debate, ao diálogo, em função de uma verdade própria que lhe faz renunciar a si, à sua identidade, às suas formas de vida e existência. Como pontuam os autores, “o negacionista não se importa com a veracidade do que é dito, ele avalia os discursos com base



nos seus efeitos e na identidade de quem fala e que o escuta”. Ademais, “[...] [o] negacionista não tenta convencer os adversários, nem sequer fala com eles, só se endereça a quem já compartilha suas convicções” (Charlot; Charlot, 2021, p. 12-13).

A base teórica que adotamos é um quadro qualiquantitativo, pautado na análise da *ecologia linguística* (cf. Kennedy, 1998) do nódulo/item *negacionismo* entendido como uma *palavra-chave* (cf. Williams, 1976) para o estudo da conjuntura atual, partindo-se de um *corpus de pequena dimensão* (cf. Sinclair, 2001). Dessa forma, aliamos Linguística de Corpus e Análise Crítica do Discurso (ver, por exemplo, Magalhães, 2004; Carmo, 2014, 2018) para um exame linguístico-discursivo textualmente orientado da realidade social problemática contemporânea em diversos campos do saber e das instituições que balizam e legitimam enunciados considerados verdadeiros devido ao negacionismo.

Nossas reflexões se dividem em mais quatro seções, assim dispostas: *Análise Crítica do Discurso: caminhando para a perspectiva do raciocínio dialético*, em que situamos a abordagem de uma fase inicial até a versão intitulada raciocínio dialético, que embasa nossa análise; *Negacionismo e seus arredores: apontamentos para uma dialética*, em que buscamos avaliar os aspectos mais relevantes para a compreensão desse fenômeno social; *Método e procedimentos: Linguística de Corpus e Análise Crítica do Discurso*, seção na qual explicitamos a maneira a partir da qual a análise se dará num quadro qualiquantitativo; e *Uma perspectiva linguístico-discursiva e dialética do negacionismo em textos midiáticos*, compondo a análise propriamente dita. A essas seções, seguem as considerações finais e as referências nas quais nos baseamos.

## **ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CAMINHANDO PARA A PERSPECTIVA DO RACIOCÍNIO DIALÉTICO**

Tendo como base os trabalhos sobre linguagem e ideologia desenvolvidos pela Linguística Crítica (Fowler *et al.*, 1979), cuja base linguística, por sua vez, era a Linguística Sistemico-Funcional (LSF) desenvolvida por Michael Alexander Kirkwood Halliday (1978;



1985), Norman Fairclough publica, em 1989, o livro *Language and Power*, com as bases da Análise Crítica do Discurso (ACD). Já em 1992, publica *Language and Social Change*. No primeiro, começou a desenvolver um método de análise que considerasse a linguagem (texto), a interação e o contexto sob uma perspectiva que aliava a Linguística a um pensamento sociopolítico e ideológico. No segundo, desenvolveu uma teoria social do discurso numa perspectiva tridimensional de análise dos textos que considera três dimensões interligadas: prática textual, prática discursiva e prática social.

O autor pretendia propor uma análise que se voltasse para o texto, em sua materialidade (prática textual), para a interação em termos do processo de produção, distribuição e consumo do texto (prática discursiva); e para a avaliação das questões inter-relacionadas a linguagem, a ideologia e a lutas hegemônicas que se davam no seio das sociedades (prática social). Sua visão é de que linguagem e sociedade são constitutivas. Todas as ideias propostas partiam de uma percepção intervencionista na sociedade que é marcada por injustiças, desigualdades e relações de poder, requerendo uma abordagem que visasse à mudança social por meio da conscientização das formas de opressão, um dos possíveis caminhos para que aqueles os quais estivessem subjugados dentro de um sistema opressor pudessem se emancipar.

A publicação de Chouliaraki e Fairclough (1999) gerou a percepção de que o discurso não é uma prática em si, mas um momento da prática interligado a diversos outros elementos que constituem e veiculam concepções de mundo na sociedade. Fairclough (2003, p. 26), por sua vez, desenvolve ainda mais a visão do discurso como um elemento das práticas sociais, retomando de maneira mais estreita a LSF como base linguística da ACD, e afirma que o discurso figura de três formas na prática social: como gêneros (formas de agir), base para análise do Significado Acional; discursos (formas de representar), para análise do Significado Representacional; e estilos (formas/maneiras de ser), para análise do Significado Identificacional. Essa preocupação linguística se dá especialmente porque se pretende destacar o vocabulário como uma característica distintiva do discurso, devido ao processo de lexicalização do mundo que se dá de formas particulares. Assim, o analista pode se concentrar



na maneira como os diferentes discursos estruturam o mundo a partir das relações semânticas entre as palavras.

Para o autor, os textos materializam discursos que, por sua vez, representam o mundo de formas particulares, logo, são representações de mundo. Nas palavras de Fairclough (2003, p. 17), “um discurso é uma forma particular de representar alguma parte do mundo (físico, social, psicológico)”. Nesse sentido, as diferentes versões da ACD podem ser vistas como complementares na medida em que respondem a um objetivo muito específico. Como destaca Resende (2012, p. 107), a ACD objetiva “apontar os efeitos sociais de textos e os efeitos das práticas sociais sobre a formulação de textos, por meio de análise discursiva textualmente orientada”.

A partir dessas visões inicialmente calcadas nos aspectos intertextuais e interdiscursivos (1989 e 1992) e representacionais (1999 e 2003), adotamos a perspectiva da Análise Crítica do Discurso como raciocínio dialético, conforme Fairclough (2015, 2018), em que língua e discurso se constituem dialeticamente na construção dos gêneros textuais-discursivos<sup>2</sup>. A ideia de Análise Crítica do Discurso como raciocínio dialético advém do fato de que Fairclough (2013) demonstrou que a ACD, em si, é tanto uma forma de discurso quanto uma prática de argumentação (prática argumentativa) que se direciona a argumentações práticas, a exemplo da argumentação política (cf. Fairclough, 2015, 2018). Nas palavras do autor:

Na análise do discurso político, a ACD parte da crítica do discurso, via explicação em termos da realidade social existente de por que as falhas identificadas [problemas sociais] existem, para identificar/defender ações para transformar a realidade social para melhor. Mas isso é uma prática de argumentação: argumentação a partir de um conjunto de premissas a uma reivindicação sobre o que deve ser feito (Fairclough, 2015, p. 2).

De acordo com Moraes (2011, p. 3), o termo *negacionismo* define um campo político-intelectual. E, nesse sentido, percebemos que nossa visão do negacionismo trata

---

<sup>2</sup> Utilizamos o termo conjunto gênero *textual-discursivo* para destacar, na prática discursiva de constituição do artefato textual, o processo de produção de seu esqueleto material, isto é, sua arquitetura linguístico-semiótica (multissemiótica/multimodal) e o momento em que se torna, pelo discurso, mecanismo de ação social (cf. Carmo, 2017).



principalmente dessa natureza eminentemente política. Isso se deve ao fato de que precisamos partir de um conjunto de premissas que tem nos levado a tomar o negacionismo como um discurso negativo que precisa ser compreendido dentro de múltiplas perspectivas, a partir das quais a realidade social constituída a partir dele deve ser transformada para melhor. Por isso, metodologicamente, a análise se faz a partir de elementos da língua, aqui especificamente o vocabulário, caminhando para o discurso onde uma outra realidade social pode ser constituída dialeticamente por meio de um esforço argumentativo.

Com isso, torna-se possível uma averiguação das duas premissas da prática argumentativa, quais sejam: (1) uma **Circunstancial** (*Circunstancial premise*), que representa e busca avaliar, problematizar, criticar e explicar um estado de coisas existente; (2) uma **Meta** (*Goal premise*), que visa especificar um estado de coisas alternativo, sendo seu objetivo tornar-se base para (3) uma premissa de **Valor** (*Value premise*), de onde os valores e preocupações da argumentação partem e, por fim, (4) uma premissa de Meio-Objetivo (*Means-Goal premise*), que encaminhe para uma linha de ação defendida e reivindicada (*Claim*), ou seja, uma maneira de atingir um objetivo (Fairclough; Fairclough, 2012; Fairclough, 2015; 2018).

Como explica Fairclough (2015, 2018), os elementos de crítica e explicação pertencem à premissa Circunstancial, enquanto a linha de ação é defendida por razões extraídas da Meta (também indiretamente do Valor) e da Meio-Meta. Por isso, a ACD pode ser considerada uma forma de prática de argumentação que critica a argumentação prática (como a política) e esta, a argumentação prática, pode ser avaliada por meio do raciocínio dialético. Para tanto, o autor elenca quatro passos a serem seguidos que são:

1. produzir uma crítica normativa do discurso;
2. explicar o discurso considerado falho em termos da realidade existente;
3. fazer uma crítica explicativa da realidade existente;
4. defender ações para mudar a realidade existente para melhor.



Por isso, uma crítica exploratória é uma primeira fase que fará a transição entre explanação e ação; enquanto o raciocínio dialético buscará uma explicação para um *status quo* que se funda argumentativamente como uma realidade social a ser mudada, por não estar calcada no aspecto lógico. Dialética então é entendida, em sentido epistemológico, como uma forma de buscar a “coisa certa” por meio do diálogo e de avaliar as diferentes possibilidades de compreensão de uma questão, separando bons e maus argumentos, por meio de crítica e comparação. O questionamento crítico envolve, portanto, a identificação de contradições, que podem ser internas ou externas à argumentação em torno do que é reivindicado.

Por fim, Fairclough (2015, p. 8) questiona se as pessoas precisariam conhecer/saber sobre o raciocínio dialético e elenca oito elementos para uma resposta positiva: as pessoas precisam conhecer/saber sobre raciocínio dialético para (1) saberem reconhecer um argumento, uma vez que argumentos são muitas vezes parcialmente implícitos e precisam ser reconstruídos a partir de textos, ou seja, formulados de forma explícita; (2) saberem identificar qual tipo de argumento é (comparativo, lógico, metafórico etc.); (3) saberem identificar as premissas e a conclusão de um argumento, incluindo quais discursos são invocados e que razões são dadas na tentativa de validação deles; (4) saberem avaliar (questionar criticamente) um argumento: sua reivindicação, em termos de sua probabilidade e consequências; suas premissas, incluindo valores, objetivos e a representação/problematização das circunstâncias; e inferências das premissas na conclusão. Isso requer avaliação crítica de discursos e realidades existentes, a explicação da realidade existente e suas falhas/problemas, bem como a ação que busca defender sua mudança; (5) saberem identificar razões, motivos e causas, e as conexões entre eles (os problemas levantados); (6) saberem avaliar e criticar a argumentação como primeiro passo na sequência: deliberação, decisão-ação-mudança; (7) desenvolverem contra-argumentos; e, por fim, (8) saberem identificar os termos do debate, suas falhas e limitações.

Com base no pensamento de Antonio Gramsci, Fairclough (2015) argumenta que o pensamento do filósofo italiano cria outra forma de compreensão de dialética, que passa a ser, sobretudo, uma “nova forma de pensar” e também “uma nova técnica”, isto é, uma técnica de



pensamento, capaz de fornecer critérios de avaliação às pessoas, fornecendo insumo para julgamentos e para a verificação deles, de maneira a corrigir possíveis distorções em formas de pensamento tornadas senso comum. E, com isso, quiçá, com base em parâmetros de razoabilidade e capacidade argumentativa em termos de melhores argumentos, explicar, criticar, abrir espaço para novas possibilidades de compreensão de mundo e mudança para melhor de certas realidades sociais existentes.

Esse aparato demonstra-se também, acima de tudo, salutar para a análise do discurso com fulcro na ética dos agentes, pois, como frisam Fairclough e Fairclough (2018), o julgamento ético é parte da crítica normativa realizada na Análise Crítica do Discurso, tendo em vista que sua crítica deve ser construída sobre elementos extraídos seletivamente do julgamento ético e da crítica aos próprios discursos públicos ou publicizados nas sociedades, buscando o melhoramento social (ver Carmo, 2022a) e focalizando o processo que possa gerar efetivamente uma mudança social.

Existem princípios morais e compromissos dos diferentes agentes na sociedade frente a um contexto histórico, social e institucional, que requer a identificação de práticas excludentes e da violência disseminadas. No entanto, isso clama por autocrítica e por uma postura não apenas contra-hegemônica, mas sobretudo anti-hegemônica, em busca da promoção tanto da justiça social quanto da dignidade humana, na forma de bem-estar coletivo.

A Análise Crítica do Discurso constitui-se, portanto, numa forma de análise de natureza linguística, social e política, cuja crítica é, em parte, ética, partindo do pressuposto que determinadas ações são, em certa medida, condicionadas e limitadas por práticas sociais, instituições e estruturas. É por isso que Fairclough e Fairclough (2018) trabalham essa questão sob o prisma da ética deontológica, pressupondo que as pessoas em geral têm o dever de agir de determinadas maneiras e não de outras, demonstrando compromisso social, de acordo com princípios morais e éticos.

Isso significa optar por uma abordagem da crítica ética na ACD que dá primazia à ética processual, a uma forma particular de ética do discurso fundamentada na perspectiva



habermasiana, para análise do fenômeno da argumentação. Instaure-se, por isso, um procedimento de questionamento crítico de propostas de ações que pode integrar considerações vindas de princípios deontológicos, com vistas a uma abordagem procedimental capaz de fornecer ou instituir um compromisso ético com uma busca de maior “imparcialidade” na própria ACD, o que Fairclough e Fairclough (2018) julgam necessário para seu *status* como método dentro da ciência social crítica.

De acordo com os autores, esse procedimento é aplicado na crítica normativa da argumentação, na crítica explicativa de aspectos das práticas sociais e estruturas, e na crítica de mudanças defendidas em práticas e estruturas destinadas a abordar tais problemas. Por isso, essa abordagem trata a ACD como um raciocínio dialético, ultrapassando a própria crítica normativa, por meio da crítica explicativa, em direção à ação transformativa.

## **NEGACIONISMO E SEUS ARREDORES: APONTAMENTOS PARA UMA DIALÉTICA**

Marques e Raimundo (2021) demonstram de forma contundente razões que justificam a abordagem empirista que pretendemos empreender, na medida em que a análise dos autores versa sobre o negacionismo científico diante do contexto da pandemia de Covid-19, com foco nas *fake news*, em testemunhos considerados falsos e no discurso de ódio, entendidos como potencializadores que concorrem para o descrédito da ciência na sua relação com a pós-verdade, o que pode ser corroborado pela análise e preocupação trazidas por Morais (2022a).

Contudo, fazemos a ressalva de que assumiremos a perspectiva de Charlot e Charlot (2021) que tratam o tema com objetividade, sem que se perca a profundidade necessária para sua problematização. Interessa-nos, sobretudo, constituir um conjunto de relações e características, a fim de elencar o que pode gerar o reconhecimento e um possível conceito de negacionismo que, longe de se esgotar, possa oferecer um norte para sua compreensão. Como esclarecem os autores, o negacionismo tem sido colocado como sinônimo ou estreitamente relacionado ao conceito de pós-verdade, termo utilizado primeiramente em 1992 por Steve



Tesich, num artigo publicado na revista *The Nation* (cf. Charlot; Charlot, 2021). Já Caruso e Marques (2021, p. 2) acrescentam que “o termo ‘negacionismo’ aparece no cenário pós II Guerra Mundial referindo-se especificamente ao questionamento da existência do Holocausto (ver, por exemplo, filme *Negação*, 2016).”

Não existe uma equivalência conceitual e terminológica entre pós-verdade e negacionismo, sobretudo pela ideia subjacente a pós-verdade ser ou funcionar como uma espécie de cortina de fumaça sobre uma realidade ruim da qual queremos fugir. Por outro lado, implicaria assumir uma “verdade” na contraposição a uma mentira. Isso significa que pós-verdade inicialmente remetia a uma relação estreita com a verdade, embora pressupusesse que a sociedade não queria saber da verdade quando a notícia fosse ruim, tanto quanto essa verdade não deveria estar em debate em ambientes não legítimos.

Nas palavras de Charlot e Charlot (2021, p. 3), “o assunto não é a verdade, é a relação com a verdade”, sendo os conceitos em si e por si irrelevantes. É dessa forma que a pós-verdade leva à ideia de que o negacionismo possui como ponto central a verdade, sendo que a questão que se coloca está intimamente ligada à possibilidade de ampliação do olhar sobre o saber que pode ser refutado por meio da observação ou da experimentação contrária, não sendo um saber ontológico e válido por si mesmo.

Entretanto, todo saber precisa ser minimamente posto à prova a partir de variados pontos de vista, incluindo-se os saberes institucionalizados da ciência, da religião, da política, dentre outros. O que existe não é uma verdade pura e simples, mas enunciados-verdade (científicos ou não, contudo, institucionalizados e legitimados) que podem ser questionados e desafiados, a partir do processo científico de construção, desconstrução e reconstrução. Por isso, enunciados científicos são dos mais questionados pelo negacionismo, já que é comum estabelecer uma ligação entre ciência e verdade, como algo à parte, muitas vezes considerado de pouco acesso, inacessível ou apartado da sociedade comum. Nesse sentido, é salutar o pensamento de Moura (2014, p. 36-37):

A ciência não está enclausurada em uma bolha, invulnerável aos acontecimentos ao redor. O conhecimento científico é obra humana, e como homens pertencentes a uma sociedade – com seus modelos culturais, políticos, históricos, econômicos etc. –



eles trazem à Ciência suas concepções, crenças, anseios. Portanto, falar da natureza da Ciência aparentemente deve envolver o esclarecimento de sua indissociabilidade do mundo e da humanidade, de sua mutabilidade.

Charlot (2000) destaca que toda relação com o saber apresenta as dimensões epistêmica, identitária e social, uma vez que a relação com o saber se define em conexão com o próprio saber em construção, com o mundo, com os outros e consigo mesmo, a partir de múltiplas mediações (técnicas, simbólicas, estéticas, sociais etc.). E é nisso que reside uma diferença com a pós-verdade da qual falamos anteriormente e um importante ponto de referência do negacionismo quando este “remete a formas particulares de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo, que induzem as suas relações com os enunciados científicos” (Charlot; Charlot, 2021, p. 7). Por isso, é importante destacar que se

pode[m] levantar todas as dúvidas que se quiser sobre as noções de ‘verdade’, de ‘fato’, de ‘comunidade científica’, [todavia] aquele que se envolve mesmo no trabalho científico sabe que se trata de uma atividade específica, inconfundível com o charlatanismo ou o negacionismo (Charlot; Charlot, 2021, p. 8).

Como se vê em Caruso e Marques (2021), o negacionismo é, sobretudo, uma estratégia de dominação entendida como uma guerra declarada à Ciência e à Razão. Nesse sentido, procuramos elencar um possível conjunto de características do negacionismo a partir de Charlot e Charlot (2021):

- 1) ser uma mentira política com certo toque paranoico;
- 2) constituir-se como uma forma de manipulação de fatos;
- 3) questionar os saberes ensinados na escola;
- 4) construir-se ao minar a confiança nas instituições legitimadoras de saberes e conhecimentos partilhados;
- 5) desconsiderar a ciência como um saber legítimo;
- 6) questionar não exatamente uma “verdade” em si, mas enunciados apresentados como “verdades” por autoridades consideradas legítimas (sejam elas religiosas, científicas, dentre outras);
- 7) autolegitimar-se na maioria das vezes;



- 8) ser definido parcialmente a partir de fatos e argumentos alternativos, às vezes fortes, às vezes secundários, mas que possam deslocar o foco da discussão;
- 9) negar evidências que contradigam o próprio pensamento;
- 10) apegar-se a argumentos secundários ou a um argumento central sem trazer à tona o debate ou os diferentes vieses que o circundam;
- 11) valer-se de uma preocupação cuja validação procura se dar superficialmente a partir de algo social e politicamente constituído;
- 12) identificar, constituir ou construir inimigos em vez de adversários dentro de uma argumentação ampla e complexa em que vários pontos de vista possam ser/sejam avaliados e debatidos;
- 13) construir identidade por adesão e referência a um líder;
- 14) construir um mito cuja função não seja a propagação de verdade, mas ser uma referência identitária;
- 15) gerar questionamentos epistemológicos sobre a verdade e os fatos;
- 16) recusar e rejeitar resultados de pesquisas científicas complexas finalizadas ou em andamento, em função de opiniões e convicções pessoais;
- 17) recusar-se a considerar documentos, testemunhos, observações ou resultados de experimentações controlados por uma comunidade científica que atestam fatos inegáveis;
- 18) suspeitar, *a priori*, de qualquer prova que não leve à conclusão decidida pelo negacionista;
- 19) sustentar uma ideia que parte da conclusão à qual se quer chegar, inspirada por motivos ideológicos, políticos, racistas etc.;
- 20) partir de uma dimensão conspiracionista com o intuito de descartar todos os argumentos empíricos ou racionais que desmentiriam sua tese;
- 21) combinar e misturar, de forma falsa e interesseira, interpretações, informações e observações tidas como corretas ou plausíveis, vindas de fontes confiáveis;



- 22) silenciar observações e acontecimentos que não apoiam o que é defendido, apresentando em seu lugar outros que são imprecisos, mal definidos, reinterpretados, inventados, mas que supostamente comprovariam o que se defende;
- 23) alegar pequenos fatos secundários e duvidosos como argumentos decisivos;
- 24) escolher, entre vários fatos e argumentos, apenas alguns estatisticamente mais significativos, silenciando-se os demais;
- 25) constituir-se com frequência, de maneira falaciosa e falseada, numa relação epistemológica, social e identitária com o saber;
- 26) abandonar o assunto quando sua tese é invalidada, sem, contudo, mudar de opinião;
- 27) defender a inculcação de uma doutrina religiosa e moral, assim como a imposição da obediência e de uma hierarquia militar.

Diante dessas características, o desserviço social prestado pelo negacionismo é, talvez, o mais grave, na medida em que, como esclarecem Charlot e Charlot (2021, p. 9),

o negacionista considera que há uma verdade, a sua, e até pretende que ele é quem está preocupado pela verdade, enquanto os seus inimigos mentem, conspiram, com a cumplicidade dos cientistas.

É nesse momento em que um aspecto importante do negacionismo aparece: a animosidade/hostilidade. E, nesse sentido, é que parece residir aqui também uma relação específica com o discurso de ódio, pois, como explica Glucksmann (2007, p. 35), “‘quem tem ódio’ só reconhece em si e a seu redor o contágio moral que ele mesmo propaga como uma lei única e universal”. Para o autor, “o ódio nada mais é do que o resultado deteriorado da ausência de educação” (Glucksmann, 2007, p. 2). E ainda pontua: o “ódio acusa sem saber. O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo” (Glucksmann, 2007, p. 12).

E nessa mesma esteira, o negacionismo se mostra extremamente antidemocrático, pois

a democracia pressupõe, como condição de possibilidade, a aceitação do diálogo contraditório. Não se trata, basicamente, de acesso ao conhecimento... [...] Trata-se,



antes de tudo, de relação com o saber e, mais amplamente, com o mundo, com os outros e consigo mesmo. O mundo do negacionista é um lugar hostil, onde se deve constantemente desconfiar daqueles que falam bonito porque, muitas vezes, eles mentem, conspiram, querem submeter os demais aos seus interesses. Neste mundo, deve-se encontrar aliados e se proteger contra as palavras de todos esses especialistas que pretendem “saber” (Charlot; Charlot, 2021, p. 10).

Como sintetizam os autores, a democracia exigiria o debate a partir dos seguintes princípios: (1) há diferenças de opinião e elas são legítimas, assim como um adversário não é sumariamente um inimigo; (2) as divergências fornecem elementos que possibilitam encontrar um acordo por negociação; e (3) há uma área em que todos podem concordar, uma área da verdade caracterizada pela coerência tanto da fala quanto entre essa fala e o que é observável, podendo ser experimentado e experienciado juntos, independentemente do ponto de vista ideológico. E a partir disso, perceber o saber e a própria ciência como resultados de uma atividade humana coletiva em um contexto sociocultural e histórico. É por isso que

Formas antigas de barbárie estão voltando: nacionalismos agressivos, fundamentalismos religiosos excludentes, celebração das armas, da sobrevivência dos mais fortes e da morte dos mais fracos. Formas novas de barbárie estão invadindo o espaço público: cyberbullying, assédio e ódio nas redes sociais. O negacionismo é a forma epistemológica da barbárie contemporânea (Charlot; Charlot, 2021, p. 14).

Como se pode perceber, o negacionismo possui uma estreita relação com outras formas de negação do outro de diferentes formas, como o ódio e os variados fundamentalismos, mas sobretudo demonstrando ser a possibilidade de originar inúmeros conflitos sociais ao tomar seu ponto de vista sob a égide de uma pretensa correção que, antes de vir de um debate, nasce de juízos de valor com pouca ou nenhuma sustentação (ver, por exemplo, Glucksmann, 2007; Dobón, 2016; Carmo, 2016; 2022a; 2022b; Morais, 2022b; 2022c). Dessa maneira, acaba por ser gênese de violências de toda sorte saindo do universo das ideias para o universo do comportamento, o que pode ser corroborado e indexicalizado por dados linguísticos constantes do corpus de análise, nas muitas ocorrências e ligação com os itens *EUA, bolsonarista, Bolsonaro, Jair Bolsonaro*.

Como uma possibilidade de vislumbrar essa relação, vimos amplamente noticiados e divulgados eventos como a invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021, quando Donald



Trump perdeu as eleições para John Biden e também o atentado à democracia e ao Estado de Direito ocorrido no Brasil em 8 de janeiro de 2023 por parte de extremistas golpistas, terroristas e vândalos, possivelmente acobertados pela negligência, omissão ou conivência de agentes públicos. Esse grupo, num todo, viola princípios democráticos por uma convicção interna, sob a pretensão e justificativa de uma falsa liberdade de expressão e defesa de direitos, atacando os três poderes, os símbolos nacionais, depredando bens públicos das mais altas cortes da democracia nacional – os edifícios dos três Poderes da República: Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal (STF) e Congresso Nacional – e, em última instância, a própria Constituição. Isso gerou a decretação pelo presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, de intervenção federal, prevista constitucionalmente para casos extremos, nomeando Ricardo Capelli como interventor até 31 de janeiro de 2023. Parece-nos que esses exemplos estão intimamente conectados não apenas com o negacionismo, mas com o ódio, nos termos já explicitados.

Duarte e César (2020), por exemplo, fazem uma discussão importante sobre a estratégia de negação da política com a qual Bolsonaro afrontou valores democráticos sem romper peremptoriamente com a democracia, desde a época da campanha presidencial; e também discutem a estratégia do negacionismo como política, argumentando, como exemplo, que durante a pandemia essas duas estratégias se conjugaram, produzindo fenômenos sociopolíticos corrosivos à democracia, como a banalização das mortes durante a pandemia e a naturalização de que existem vidas mais e menos importantes ou vidas mais valiosas e vidas descartáveis.

Sem apontarmos culpados, porque não é esse o nosso objetivo, vemos tudo isso como possíveis impactos do negacionismo quanto ao que ele poderia gerar e quanto à omissão de vários casos que parecem ter gerado no grupo de negacionistas a sensação de impunidade como motivação para barbárie.

Aqui acreditamos ter não apenas feito uma seção teórica sobre o negacionismo, mas também preenchido parte dos pressupostos requeridos pela abordagem da ACD intitulada raciocínio dialético, conforme postos na seção anterior. Ou seja: tornar-se uma prática



argumentativa voltada para uma argumentação prática, no caso, a argumentação prática falaciosa e falha urdida pelo negacionismo que criou uma realidade social problemática que precisa ser mudada para melhor.

## MÉTODO E PROCEDIMENTOS: LINGUÍSTICA DE CORPUS E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Para produção da abordagem e cotejamento de dados, optamos pela metodologia proposta por Magalhães (2004), na qual alia o uso de *corpus de pequena dimensão*, em conformidade com Sinclair (2001), com a visão de *palavra-chave*, tal qual proposta por Williams (1976): uma palavra culturalmente relevante e capaz de trazer à tona matizes sociais e culturais que levem a uma compreensão de certos fenômenos, isto é, vocábulos que estão inseridos em determinada cultura de modo particular, indicando determinadas formas de pensamento ou maneiras de interpretar uma atividade daquele contexto.

Nesta metodologia, destacamos a proposta de Sinclair (2001), ao trabalhar com uma perspectiva que leva em consideração o papel do analista no momento do processamento, cotejamento e análise dos dados. O autor, com esse pensamento, divide a constituição de *corpora* em *corpus de pequena dimensão* e *corpus de grande dimensão*. Um *corpus* de pequena dimensão é aquele que precisa constituir um corpo de evidências relevante e confiável, no entanto, ser pequeno o suficiente para ser analisado manualmente ou processado por computador com ferramentas específicas. O objetivo é permitir avaliações rápidas pelo pesquisador, por isso, os chamados *corpora* de pequena dimensão são projetados para intervenção humana inicial (*EHI – early human intervention*), diferentemente dos *corpora* de grande dimensão os quais são projetados para intervenção humana tardia (*DHI – late or delayed human intervention*), isto é, após o levantamento de grandes quantidades de dados.

Para tanto, partiremos da ecologia linguística da palavra-chave *negacionismo*. Por *ecologia linguística*, entendemos, em conformidade com Kennedy (1998), a área de descrição da língua em Linguística de Corpus que se ocupa da análise de padrões lexicais de que um



determinado item faz parte e procura descrever sentidos a que um item se associa, em quais estruturas ele aparece, qual correlação existe entre o uso que se faz dele e o sentido a ele atribuído. Também seria papel desse campo de estudos descrever as estruturas de que o nóculo/item da pesquisa faz parte, bem como seu valor na organização do texto. Inclusive como um aspecto importante para avaliar a prosódia semântica ou associação entre itens lexicais e a conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos (Berber-Sardinha, 2004, p. 41).

Para a extração de dados quantitativos, utilizamos o programa *AntConc*, desenvolvido por Laurence Anthony (2014), o qual disponibiliza ferramentas gratuitas para a análise de corpus. As ferramentas basilares para o desenvolvimento deste trabalho são: (1) *Concordance*: consiste na produção de listagens de concordâncias, ou ocorrências do nóculo da pesquisa ou palavra de busca com seu cotexto; (2) *Clusters/N-Grams*: demonstra os grupos constituídos (pacotes lexicais), ou seja, a recorrência do nóculo ligado a determinada palavra específica ou colocado na forma de agrupamentos lexicais; (3) *Word List*: permite a construção de listas de palavras para observação de sua frequência.

Tendo isso em mente, os procedimentos para busca dos dados foram:

- 1 - coleta do corpus – via internet – dos 100 primeiros textos disponíveis no sítio de pesquisa *Google* em que aparecesse pelo menos uma vez o nóculo *negacionismo*;
- 2 - produção de tabela de frequência da palavra *negacionismo* a fim de verificar seu uso no corpus selecionado;
- 3 - confecção da lista de concordâncias com a palavra *negacionismo* para análise de seu cotexto;
- 4 - confecção dos grupos constituídos com a palavra *negacionismo* para que seja possível perceber padrões de uso e suas relações lexicais;
- 5 - busca das principais relações lexicais formadas com a palavra-chave *negacionismo* para, a partir de sua ecologia linguística, analisar a construção de representações sobre o tema, de maneira a obter insumo para avaliação de realidades sociais construídas e



associadas;

6 - análise crítica do discurso do/sobre o negacionismo sob a perspectiva do raciocínio dialético proposto por Fairclough (2015; 2018).

Um dos principais motivos para constituição dessa metodologia qualiquantitativa é o fato de a análise de corpus poder ampliar a análise da prática textual para um conjunto maior de textos, de maneira a fornecer subsídios para averiguação de como questões da prática discursiva e da prática sociocultural permeiam os textos, ajudando na construção, consolidação ou mudança nas formas de pensamento, nas crenças e representações de mundo sobre diferentes temas. Aqui especificamente, sobre o negacionismo, na sua relação com diferentes realidades sociais.

Como observa Berber-Sardinha (2004, p. 85), o emprego de computadores na investigação da linguagem é benéfico, pela consistência dos dados obtidos, garantindo maior abrangência na quantidade de dados com os quais podemos lidar. Vale lembrar que o uso de corpus em ACD já fora feito por Hardt-Mautner (1995) consistentemente, já indicando caminhos positivos para preencher lacunas como as apontadas por Stubbs (1996), sobre a necessidade de pôr à prova certas afirmações feitas em ACD que são relevantes, mas que poderiam ser consideradas impressionistas.

Nesse sentido, programas como o AntConc contribuem para a criação de listagens de palavras, grupos de palavras, concordâncias, dentre outras ferramentas, que ampliam a percepção sobre o nóculo da pesquisa, de seu cotexto e projetando aspectos do contexto que vem à baila, apontando para as escolhas lexicais como pistas para a ampliação do que pode ser percebido sobre o papel da linguagem na sociedade e na cultura. Como afirma Fairclough (1992), linguagem e sociedade são constitutivas. A ligação da LC com a ACD disponibiliza um caminho alternativo para o analista conduzir sua pesquisa, seja com corpus de grande ou pequena dimensão.

Weisser (2016) destaca sobremaneira a capacidade que a LC possui de trazer um suplemento quantitativo para as reflexões qualitativas empreendidas, potencializando a



produção e a análise de dados. Em termos operacionais, partimos, então, dos recursos investigativos da LC para conseguirmos automatizar e operacionalizar a coleta e análise de dados. Para isso, os textos foram preparados em formato txt (somente texto) e o arquivo codificado para UTF-8 (*Unicode Transformation Format*), o que nos possibilitou tratá-los pelo concordanceador AntConc, produzindo os dados necessários à análise do negacionismo como um fenômeno sociocultural e político difuso, partindo da ecologia linguística da própria palavra.

## **UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA E DIALÉTICA DO NEGACIONISMO EM TEXTOS MIDIÁTICOS**

Complementando o que já fora explicado anteriormente, nosso *corpus* constitui-se dos 100 primeiros textos em ordem decrescente das datas de publicação (do mais recente para o mais antigo), conforme aparecimento ordenado pela ferramenta de busca *Google*. O algoritmo do *Google* proporciona um filtro que organiza e entrega as informações nas páginas de resultado, variando de acordo com a busca de cada visitante e os fatores de ranqueamento de cada palavra-chave utilizada nas pesquisas.

O critério para seleção e manutenção dos textos foi o aparecimento, pelo menos uma vez, da palavra *negacionismo*. O primeiro texto foi datado de 17 de outubro de 2022 e o último de 12 de janeiro de 2022, cobrindo dez meses do ano. Os textos são dos gêneros notícia e reportagem e possuem acesso livre/gratuito. Esses gêneros, além de serem mais curtos e possuírem menos complexidade em geral, têm como característica serem feitos com linguagem mais acessível, com vistas a atingir diferentes públicos, com o intuito de garantirem distribuição em larga escala e consumo em massa, o que é amplificado pela própria internet.

Como pontuam Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 144), os gêneros devem ser compreendidos como a “estruturação ou ordenação especificamente discursiva de uma prática social, um dispositivo regulador pelo qual as relações de poder se realizam como formas de



controle”. Essa perspectiva aponta para o próprio pensamento de Fairclough (2003) quando relaciona os gêneros às formas de agir, sob a égide do significado acional.

Tendo isso em mente, partimos para a avaliação da ecologia linguística da palavra-chave *negacionismo*. Do ponto de vista linguístico, das 66.485 palavras do corpus, há 243 ocorrências da palavra-chave *negacionismo*, conforme dados que podem ser visualizados na tabela 1 a seguir.

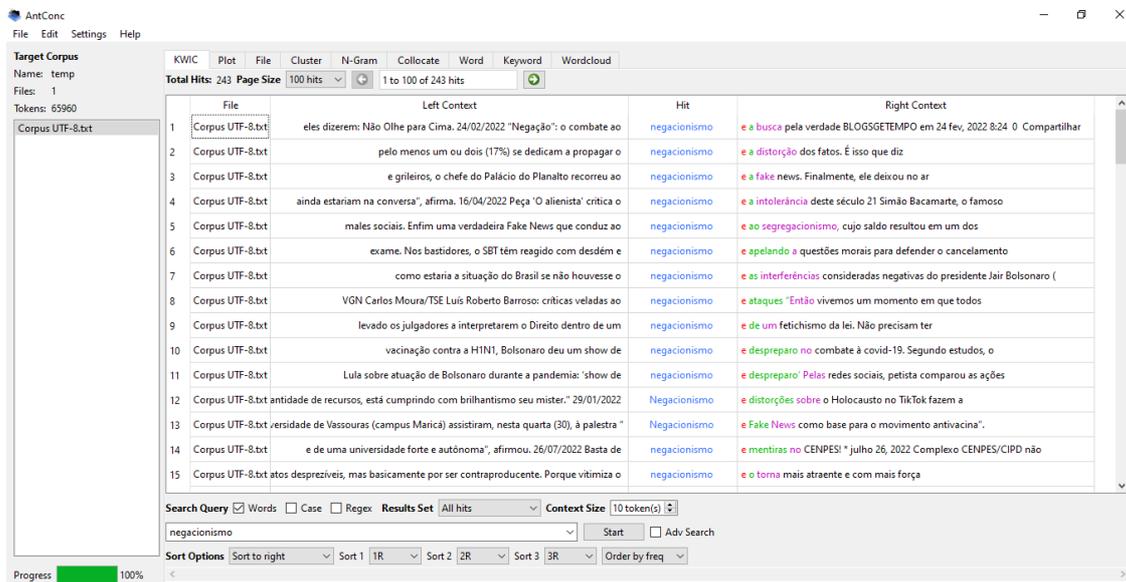
**Tabela 1:** Frequência da palavra-chave *negacionismo* no corpus

Type	POS	Headword	Rank	Freq	Range	Norm Freq	Norm Range
negacionismo			1	243	1	3684.051	1.000

**Fonte:** O autor – extraída por meio do programa AntConc.

Para conhecimento do cotexto de ocorrência da palavra *negacionismo*, foi gerada a lista de concordância conforme demonstrado na figura 1 ilustrativa a seguir, expandindo-se o horizonte<sup>3</sup> sempre que necessário durante a análise.

**Figura 1:** Amostra de linhas de concordância.



The screenshot shows the AntConc interface with a concordance list for the word 'negacionismo'. The list includes columns for File, Left Context, Hit, and Right Context. The hits are all instances of 'negacionismo'. The right context shows various phrases and sentences related to the word, such as 'e a busca pela verdade BLOGSETEMPO em 24 fev, 2022 8:24 0 Compartilhar', 'e a distorção dos fatos. É isso que diz', 'e a fake news. Finalmente, ele deixou no ar', 'e a intolerância deste século 21 Simão Bacamarte, o famoso', 'e ao segregacionismo, cujo saldo resultou em um dos', 'e apelando a questões morais para defender o cancelamento', 'e as interferências consideradas negativas do presidente Jair Bolsonaro (', 'e ataques "Então vivemos um momento em que todos', 'e de um fetichismo da lei. Não precisam ter', 'e despreparo no combate à covid-19. Segundo estudos, o', 'e despreparo' Pelas redes sociais, petista comparou as ações', 'e distorções sobre o Holocausto no TikTok fazem a', 'e Fake News como base para o movimento antivacina', 'e mentiras no CENPESI \* julho 26, 2022 Complexo CENPES/CIPD não', and 'e o torna mais atraente e com mais força'.

**Fonte:** O autor – extraída por meio do programa AntConc.

As relações lexicais com *negacionismo* que o matizam se dão não à esquerda do item, mas no horizonte à direita. Isso pode ser percebido nos agrupamentos/pacotes lexicais. Os

<sup>3</sup> Horizonte é o número de palavras à direita ou à esquerda, que pode ser expandido até para o parágrafo completo ou mais, recurso permitido pelo próprio AntConc de maneira bem simples.



agrupamentos (*clusters*) de negacionismo listados na ordem do mais frequente para o menos frequente num horizonte de cinco palavras foram: *negacionismo eleitoral; negacionismo jurídico; negacionismo, lawfare e neofascismo; negacionismo, a atitude anticientífica ativa; negacionismo, a desinformação promovida; negacionismo, a ignorância; negacionismo, a inação; negacionismo, a luta; negacionismo afeta; negacionismo ambiental do presidente; negacionismo antivacina dos EUA; negacionismo antivacina à brasileira; negacionismo, as pesquisadoras; negacionismo, ataques às instituições; negacionismo atual; negacionismo bolsonarista; negacionismo briga por testes; negacionismo cansativo; negacionismo científico; negacionismo científico ao climático; negacionismo científico de Bolsonaro; negacionismo científico e ambiental; negacionismo científico e desindustrialização neoliberal; negacionismo científico e distorção; negacionismo científico numa inversão absurda; negacionismo científico que assola; negacionismo científico que varre; negacionismo científico também foi comprometido; negacionismo, ciência e saber; negacionismo, coluna da saúde; negacionismo com outros exilados; negacionismo como política de ataque; negacionismo complexo; negacionismo continua afetando o tecido (social); negacionismo crônico; negacionismo da ciência promove o (obscurantismo); negacionismo da ciência; negacionismo da fome; negacionismo da lisura de nosso (processo eleitoral); negacionismo da vacina; negacionismo das urnas; negacionismo de artistas; negacionismo de Bolsonaro; negacionismo de Djokovic o jogador; negacionismo de Jair Bolsonaro; negacionismo de maneira geral; negacionismo digital; negacionismo do clima; negacionismo do governo; negacionismo do holocausto; negacionismo do ministério da saúde; negacionismo dos famosos; negacionismo durante a pandemia; negacionismo e a distorção dos (fatos)<sup>4</sup>; negacionismo e a fake news; negacionismo e a intolerância; negacionismo e ao segregacionismo; negacionismo e apelando a questões (morais); negacionismo e as interferências; negacionismo e ataques; negacionismo e de um fetichismo; negacionismo e despreparo no combate (à Covid); negacionismo e distorções; negacionismo*

<sup>4</sup> Como o programa trabalha estatisticamente, grupos que não faziam sentido (ex.: negacionismo um do que dispensa) foram excluídos da análise e o que está entre parênteses foi uma extensão do horizonte, tendo em vista apenas completar a ideia.



*e fake news; negacionismo e mentiras; negacionismo e os movimentos anti-vacina; negacionismo e teorias da conspiração; negacionismo e à desumanidade; negacionismo eleitoral; negacionismo em curso; negacionismo em diferentes campos; negacionismo em larga escala; negacionismo em matéria publicada; negacionismo em Praia Grande SP; negacionismo em relação à crise; negacionismo em relação à história; negacionismo em relação às chamadas (Ciências Sociais Aplicadas); negacionismo em si; negacionismo em todas as suas (formas); negacionismo enquanto uma ação articulada; negacionismo entra como delito; negacionismo estimulados pelos donos do (poder); negacionismo está impedindo avanço; negacionismo estão a manipulação (de informações); negacionismo faz voltar paralisia infantil; negacionismo foi popularizado pelo historiador; negacionismo funesto; negacionismo genocida e mantém ameaça; negacionismo geoestratégico; negacionismo, grosserias e ataques às (instituições); negacionismo histórico; negacionismo in extremis; negacionismo institucional; negacionismo jurídico; negacionismo mostrou a cara; negacionismo na fome de milhões; negacionismo na pandemia; negacionismo na pauta ambiental; negacionismo no APP; negacionismo no ar; negacionismo no Brasil; negacionismo no debate público; negacionismo no início; negacionismo no planalto; negacionismo no telegram embaixador alemão; negacionismo no tratamento para covid; negacionismo nos EUA; negacionismo nunca mais; negacionismo nós temos presenciado; negacionismo o declínio dos percentuais; negacionismo o papel da ciência; negacionismo o partido argumenta que; negacionismo o presidente da comissão; negacionismo opera a partir da (geração de medo, dúvida e insegurança cognitiva da comunidade); negacionismo ou deturpação; negacionismo para combater a violência; negacionismo parte das forças do (Estado); negacionismo pernicioso; negacionismo propagado por algumas autoridades; negacionismo publicado em livro; negacionismo que está se disseminando; “negacionismo” que sintetiza as principais (discussões acadêmicas); negacionismo recorrentes afetam ensino; negacionismo reduz efeitos da campanha; negacionismo se dissemina no país; negacionismo segue vivo; negacionismo segundo especialistas, personalidades públicas; negacionismo sentimental; negacionismo sobre ditadura abre debate; negacionismo socialista;*



*negacionismo também é a negação; negacionismo tem essas duas caras; negacionismo têm impedido o avanço; negacionismo vem sendo legitimado; negacionismo à brasileira transita.*

Também é importante verificar que existe uma relação muito estreita com negação, o que pode ser comprovado com os agrupamentos *negação de dados históricos concretos, negação de direitos, negação de evidências muito claras, negação do consenso, negação da existência da realidade fática, negação da existência de Aids ou covid-19, negação da ciência, negação da ditadura militar, negação da indústria de combustíveis fósseis, negação climática, negação do Holocausto.*

Ao utilizar a ferramenta *collocate* (colocados), tirando-se as palavras gramaticais como preposições e artigos, são listados como colocados para *negacionismo* os itens *climático, científico, Bolsonaro, bolsonarista, tolera, eleitoral e inaceitável*. Esses itens demonstram (a) os principais campos a ele relacionados no corpus (clima, ciência e política), (b) uma característica relevante que o nega veementemente (*inaceitável*) e (c) a objeção explícita ao negacionismo reverberada pelo uso de *tolera* em estruturas negativas como em (1):

- (1) “O TSE não está só, porque a sociedade **não tolera o negacionismo** eleitoral”, diz Fachin.

Como se pode ver, os dados linguísticos corroboram o que está exposto na seção sobre o negacionismo tanto do ponto de vista teórico, como prático e social. E de maneira geral, as relações lexicais apontam e constroem maiormente uma prosódia semântica negativa para negacionismo como se pode ver em itens como *neofascismo, anticientífica, ignorância, inação, ataques, briga, cansativo, desindustrialização neoliberal, assola, varre, exilados, Holocausto, desumanidade, delito, funesto, in extremis, grosserias, genocida, ameaça, declínio, medo, insegurança, pernicioso, ditadura, negação:*

- (2) Bolsonaro mente, reitera **negacionismo genocida** e mantém ameaça golpista em entrevista à TV Globo.  
(3) Por último, resta esperar que estes setores da indústria norte-americana responsáveis em grande medida pelo **negacionismo pernicioso** sejam cobrados nos tribunais como ocorreu com a indústria do tabaco.



Outro elemento que deve ser destacado no tocante à relação negacionismo, verdade e pós-verdade está indicada em itens que conectam negacionismo a aspectos falaciosos a partir dos itens *desinformação, distorção, inversão absurda, fake News, conspiração, interferências, mentiras, geoestratégico e dúvida*, como nos casos ilustrativos (4) e (5). E dessa forma, cria-se um ambiente para que esse fenômeno seja combatido, o que está posto de maneira indireta quando se luta contra algo intimamente ligado a ele, notícias e conteúdos falsos em (6), se defende algo que lhe é contrário em (7), ou ainda em assertivas como nos casos (8), (9) e (10).

- (4) Sobre as queimadas na Amazônia e os crimes contra o meio ambiente, praticados em conluio com madeireiros e grileiros, o chefe do Palácio do Planalto recorreu ao **negacionismo e a fake news**.
- (5) De acordo com o requerimento, a ministra terá que falar à comissão para prestar informações sobre denúncias da imprensa “em relação ao Sr. Evaristo Eduardo de Miranda, empregado da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), sua influência sobre a pauta ambiental do governo federal, **baseada em negacionismo científico e distorção de informações técnicas**, e sua nomeação para assessorar a presidência daquela empresa pública”.
- (6) Há anos ativistas climáticos lutam contra gigantes para coibir o compartilhamento **de notícias e conteúdos falsos** sobre clima nas redes sociais.
- (7) Esse encontro, essa concentração é parte desse esforço que no Brasil inteiro tem pessoas que lutam, que resistem **em defesa da** ciência e da educação.
- (8) **CIÊNCIA CONTRA O NEGACIONISMO**
- (9) “Negação”: o **combate ao negacionismo** e a busca pela verdade.
- (10) CPI, trincheira de **combate ao negacionismo** bolsonarista.

É importante ressaltar que o corpus oferece algumas definições para negacionismo:

- (11) Segundo a definição mais aceitável, negacionismo é a escolha de negar a realidade como forma de escapar de uma verdade desconfortável.
- (12) O negacionismo também é a negação de evidências muito claras, de um consenso claro entre especialistas, sem uma base de evidências sólidas e a partir da criação de uma narrativa fantasiosa.



- (13) Em síntese, o negacionismo é a escolha, consciente ou inconsciente, de negar a realidade como forma de escapar de uma verdade desconfortável.
- (14) O negacionismo é, em verdade, uma tentativa de sabotar elementos básicos, como pesquisa, dados, lógica.

Essas definições podem ser complementadas com frases que indicam aspectos de uma intencionalidade por trás do negacionismo:

- (15) Dicionário mostra que intenção do negacionismo é sabotar o conhecimento e minar as instituições.
- (16) “A base do negacionismo é suspeita o tempo todo, suspeição sobre tudo”, afirma professor.
- (17) Com o advento das redes sociais, o termo se tornou mais amplo, e o perigo do Negacionismo é desafiar a História, impondo-lhe a pecha de fraude, de farsa.

O que os dados linguísticos indicam, portanto, é que o negacionismo é um tema difuso e de prosódia semântica negativa. E o que mais pode ser destacado a partir da abordagem do raciocínio dialético e que se poderia chamar de uma argumentação prática no que tange ao negacionismo é que tudo que se indica a respeito do tema, mostra uma argumentação frágil, sem um raciocínio que se possa dizer lógico. Os múltiplos discursos evocados tornam-no muito disperso e sem uma linha clara que lhe ofereça consistência.

Quando Fairclough (2003, p. 128) nos explica que “uma análise interdiscursiva de textos está parcialmente preocupada em identificar quais discursos são elaborados e como eles são articulados entre si”, vemos que os discursos e as ligações estabelecidas entre eles nos mostram o quanto a seleção lexical (vocabulário) é capaz de demonstrar as efetivas relações que determinado tema, como o negacionismo, discursivamente traz para seus arredores. O negacionismo – como um tema difuso, controverso e revestido de uma argumentação fragmentada e esparsa – se une a política e ideologias políticas (*política, eleitoral, lisura, urnas, governo, fascismo, neofascismo, presidente, Jair Bolsonaro, bolsonaristas, neoliberal, socialista, partido, comissão, campanha, processo eleitoral*), ao Direito (*jurídico*), à ciência (*saber, ciência, científico, anticientífica, antivacina, pesquisadoras, História, historiador, especialistas*), à mídia/informação (*desinformação, fake News, ignorância, fatos, matéria*



*publicada*), a mudanças ou formas de ação (*ativa, inação, afeta, briga, ataque, luta, distorção, conspiração, ação articulada, delito, manipulação, deturpação*), ao meio ambiente (*ambiental, climático, clima*), à geografia (*Brasil, EUA, Praia Grande SP, geoestratégico*), a tempo (*atual*), a instituições (*instituições, institucional, Ministério da Saúde, embaixador, ensino*), ao capitalismo (*desindustrialização*), à medicina (*saúde, vacina, crônico, pandemia, Covid, paralisia infantil, tratamento*), à arte (*artistas, famosos*), ao esporte (*Djokovic, jogador*), à tecnologia (*digital, Telegram*) e à barbárie (*Holocausto, intolerância, segregacionismo, desumanidade, funesto, genocida, in extremis, ditadura*) e a um *status quo* (*crise*).

E uma das formas mais comuns de produção de seu contorno advém do processo de adjetivação nos textos. As principais construções com *negacionismo* foram feitas com *eleitoral, jurídico, ambiental, antivacina, bolsonarista, cansativo, científico, climático, ambiental, complexo, crônico, digital, institucional, sentimental* e *socialista*.

Devemos destacar que a visão fundante do negacionismo realmente possui natureza política dentro de um viés conflitante e conflitivo com outros campos, numa clara negação dos conhecimentos constituídos dentro das instituições que legitimam os saberes de maneira geral.

Sendo assim, o negacionismo se constitui como uma falha ou problema social, por ser e gerar não apenas um discurso excludente, exclusivista, tendencioso, violento, violador, antidemocrático e pautado numa visão individualista e inconsistente da realidade social diversa e, por isso, plural, ao buscar instituir uma suposta “verdade” por convicção, parcial e falseada. O que nos permite esse introito é a própria ecologia da palavra-chave *negacionismo*, suas correlações e associações temáticas, bem como a carência de sustentação argumentativa na sua tentativa de instituir uma realidade social paralela àquela produzida, especialmente pela Ciência e difundida por meio de enunciados científicos, não como verdades absolutas, mas que, obrigatoriamente, passam por protocolos de validação, sob um viés epistemológico, e não ontológico.

A partir do vocabulário utilizado nos textos e descrito com auxílio da Linguística de



Corpus, a prosódia semântica de *negacionismo* mostra uma representação predominantemente negativa fruto de uma avaliação geral, da crítica social e cultural, bem como da explicação do contexto social contemporâneo, apontando como alternativa a retomada dos saberes institucionais como formas de olhar para a realidade social sob múltiplos vieses, pondo à prova a sustentabilidade dos diferentes discursos que a constitui.

Em termos metodológicos, temos uma relação propiciada pela avaliação concomitante das premissas circunstancial e de uma meta para essa análise que seria possibilitar um debate de ideias, e não uma aceitação direta de pressupostos ou argumentos sem uma verificação ou exame. O que parece claro é que o embate que se dá na arena discursiva que luta por legitimidade e instituição de uma verdade no negacionismo são ideias (im)próprias, argumentos falhos, secundários, subargumentos ou argumentos falseados, o que se presume pela permissa de valor. Tudo isso gera a premissa de Meio-Objetivo ao nos levar à percepção geral do porquê tem sido importante o debate sobre o negacionismo a partir de variadas perspectivas. Os diferentes problemas gerados pelo negacionismo e a razão pela qual se reivindica um retorno a uma forma de ação coletiva e conscienciosa sobre o valor dos saberes pretende isso não como algo determinista, mas como algo construído dialeticamente pela sociedade como um todo.

Como podemos perceber, essa é a linha mestra do raciocínio dialético como uma prática de argumentação, como uma prática argumentativa, e não uma argumentação prática, a exemplo da do negacionismo, que não segue preceitos mínimos de validação. A fragilidade argumentativa que visa sustentar o negacionismo é diferente da que a ACD propõe, como uma prática argumentativa que pretende guiar e avaliar diferentes argumentações que constituem diferentes realidades sociais, muitas vezes tomadas como únicas. Por isso, temos sobretudo uma crítica normativa do discurso sobre o negacionismo, cujas falhas foram explicadas dentro da realidade social contemporânea a partir do corpus coletado e da análise do fenômeno negacionista em si.

E diante dos efeitos do negacionismo na prática cotidiana ao negar o diálogo com os saberes construídos, constituídos, legitimados e divulgados pelas diferentes instituições como



a ciência, a religião e a própria mídia, é mister nutrir um combate que venha em resposta para a construção de uma realidade social mais justa, digna e democrática, que respeite as diferenças e a diversidade do tecido social bem como das formas de pensamento e concepções de mundo, trazendo múltiplos pontos de vista.

Se o negacionismo gera individualismo, negação da ciência, ódio, fundamentalismos, dentre outros problemas sociais, torna-se fundamental uma conscientização geral que o combata como elemento contraproducente e contrário à democracia, o que fica evidente nos exemplos que seguem:

(18) O negacionismo como política de ataque à democracia

(19) Afirmar a democracia e negar o negacionismo em curso é dever de todas as instituições brasileiras, entre as quais o Ministério Público, que recebeu a missão constitucional de defender o regime democrático.

Uma crítica exploratória torna-se uma maneira de fazer o trânsito entre a explanação do tema e a ação requerida para superar os obstáculos criados a uma realidade social justa e equitativa. Por outro lado, o raciocínio dialético cria ao menos a explicação para que se tenha produzido uma realidade social em que o comportamento de alguns tem colocado em risco o bem-estar da maioria, a partir de uma argumentação infundada ao não preencher um mínimo do aspecto lógico que a deveria sustentar, mostrando apenas sua parcialidade, como podemos ver nos exemplos (20) e (21).

(20) A negação, em geral, contém a afirmação de seu oposto. O negacionismo da ciência promove o obscurantismo; o das vacinas traz o germe da doença; o dos direitos humanos naturaliza graves delitos e violações; o dos direitos dos indígenas, quilombolas e outros povos e comunidades tradicionais encoraja o genocídio.

(21) Apesar da clareza do texto constitucional da legitimação de todas as formas de famílias, continua imperando um “negacionismo jurídico”, em relação às famílias conjugais que se constituem da forma diferente das tradicionais, especialmente as poliafetivas e as simultâneas (alguns ainda a denominam de concubinato).



Há diferentes formas de ver, perceber e conceber o mundo por meio de diferentes realidades sociais; entretanto, o que poderia ser considerado “certo” seria o respeito às diferenças, desde que os diferentes posicionamentos tomassem como norte a manutenção da dignidade humana, elemento que não pode nem deve ser negociado em função de desigualdades e realidades sociais excludentes, embasadas em argumentações frágeis, parciais, hegemônicas ou apenas no senso comum.

Toda argumentação precisa estar aberta ao debate e à avaliação das diferentes possibilidades de compreensão de uma questão, bem como os argumentos separados entre bons e maus argumentos, por meio de crítica e comparação, e não como simples juízos de valor ou convicções pessoais ou de grupos. Isso permite a identificação de contradições internas ou externas à argumentação em torno do que é reivindicado e também garante que as diferentes vozes dos atores sociais que constituem a sociedade possam ser ouvidas.

O raciocínio dialético mostra que não existe realidade única, nem argumentação que não possa ser posta à prova. E esse procedimento é capaz de gerar múltiplos entendimentos de supostas verdades que se querem passar por verdades únicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A abordagem linguisticamente orientada à argumentação com vistas à compreensão do discurso por meio do raciocínio dialético é uma excelente ferramenta para produção de cidadãos críticos, na medida em que estimula se perscrutar de que forma um argumento se funda, a partir de sua identificação e classificação, das premissas utilizadas e a que conclusões ou resultados a argumentação como um todo leva, produzindo um questionamento crítico da realidade que se constitui.

Desse modo, torna-se possível problematizar realidades sociais, as circunstâncias que lhe deram vida, os valores, objetivos e representações acionados. E com isso, capacitar as pessoas para reivindicações coerentes e argumentações embasadas de forma que defendam



seus pontos de vista ao produzir contra-argumentos que possam consistentemente contribuir para a solução de variados problemas. De maneira sucinta, criar estratégias de deliberação em relação ao que fazer diante de uma argumentação que constitui uma realidade social problemática, buscando um desfecho com base na decisão-ação-mudança requerida.

Especificamente com relação ao tema em apreço no artigo, podemos concluir que ele não vem depois de uma presumida verdade como pressuporia a ideia de pós-verdade. O negacionismo é um fenômeno difuso *sui generis*, tematicamente esparso, que se constitui dialeticamente em relação com uma verdade proposta em enunciados-verdade socialmente legitimados pelas diferentes instituições (ciência, religião, mídia etc.), confrontando-os com argumentos secundários, frágeis ou falaciosos, mas não se reduzindo a uma simples mentira.

A Análise Crítica do Discurso como raciocínio dialético mostrou-se fecunda e promissora na análise de diferentes representações e realidades que se originam de argumentações práticas, ao constituir metodologicamente um caminho para uma prática argumentativa, que permite ao pesquisador certa liberdade ao tê-la não como algo que engesse a análise, mas, antes, constitui uma metodologia versátil, inter/multi/transdisciplinar e plástica, que se caracteriza sobretudo por oferecer direcionalidade. Em outras palavras, a metodologia direciona, mas não aprisiona, deixando o pesquisador em certa medida livre, contudo, munido em sua análise, o que combina de maneira promissora com o viés oferecido pela Linguística de Corpus, especialmente sob o espectro da análise de corpus de pequena dimensão, com vistas à intervenção humana desde o início da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. *AntConc* (Version 4.2.0) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. 2014. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

CARMO, C. M. Centro e margem dos discursos sobre sustentabilidade: da ecologia linguística ao ecossistema social. *Letras & Letras* (UFU), v. 30, p. 431-451, 2014.



CARMO, C. M. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 64, ago. p. 201-223, 2016.

CARMO, C. M. Sobre (multi)letramento: para uma leitura crítica de mundo contra o ódio e a discriminação. In: SOUSA, R. E. S. (Org.). *Linguagem como instrumento para (re)(d)(escre)(ver) o mundo: gêneros textuais/discursivos e processos semióticos multimodais*. 1ed. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2017, p. 278-304.

CARMO, C. M. Teratologia do discurso de ódio: sobre uma possível origem dos conflitos sociais e para uma visão de discurso e melhoramento social. In: ASSUNÇÃO, A. L. *et al.* (Orgs.). *Discursos e narrativas: entre conflitos e deslocamentos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022a, p. 175-199.

CARMO, C. M. Alguns reflexos do fundamentalismo posto em cena na contemporaneidade: violência, ódio e ataque às religiões de matriz africana. In: GONÇALVES, D. G. *et al.* (Orgs.). *Engajamento em foco: língua, discursos históricos e representações sociais*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b, p. 127-149.

CARUSO, F.; MARQUES, A. J. Ensaio sobre o negacionismo científico em tempos de pandemia. *Research, society and development*, v. 10, n 11, p. 1-17, 2021.

DUARTE, A. M.; CESAR, M. R. A. Negação da política e negacionismo como política: pandemia e democracia. *Educação e Realidade*, v. 45, p. 1-22, 2020.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

CHARLOT, B.; CHARLOT, V. A. C. S. O Negacionismo: uma Crise Social da Relação com a “Verdade” na Sociedade Contemporânea. *Revista Internacional Educon*, v. 2, n. 3, set./dez., p. 1-16, 2021.

CHOULIARAKI, L. FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DOBÓN, C. A. Discurso del odio y negacionismo en la reforma del código penal de 2015. *Revista Electrónica de Ciencia Penal y Criminología (RECPC)*, 18-14, p. 1-38, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. London: Polity Press, 1992.



FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. Critical discourse analysis and critical policy studies. *Critical Policy Studies*, 7/2, p. 177-197, 2013.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis as dialectical reasoning: the Kilburn Manifesto*. p. 1-10, 2015. Disponível em: <https://www.psa.ac.uk/sites/default/files/conference/papers/2015/PaperA.pdf>. Acesso em 20 out. 2022.

FAIRCLOUGH, N. CDA as dialectical reasoning. In: FLOWERDEW, J.; RICHARDSON, J. E. (Eds.). *The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies*. London, New York: Routledge, 2018, p. 13-25.

FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. *Political discourse analysis*. London: Routledge, 2012.

FAIRCLOUGH I., FAIRCLOUGH, N. A procedural approach to ethical critique in CDA. *Critical Discourse Studies*, 15:2, p. 169–185, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17405904.2018.1427121>. Acesso em 10 jun. 2023.

FOWLER, R. *et al. Language and control*. London: Routledge, 1979.

GLUCKSMANN, A. *O discurso do ódio*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

GUIMARÃES, A. S.; CARVALHO, W. R. G. Desinformação, negacionismo e automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. *Inter American Journal of Medicine and Health*, p. 1-4, 2020.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HARDT-MAUTNER, G. ‘Only connect.’ *Critical discourse analysis and corpus linguistics*. p. 1-31, 1995. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo%20V520s/Downloads/Only\\_Connect\\_Critical\\_Discourse\\_Analysis\\_and\\_Cor.pdf](file:///C:/Users/Lenovo%20V520s/Downloads/Only_Connect_Critical_Discourse_Analysis_and_Cor.pdf). Acesso em: 20 out. 2022.



- KENNEDY, G. *An introduction to corpus linguistics*. New York: Longman, 1998.
- MAGALHÃES, C. M. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. especial, p. 35-60, 2004.
- MARQUES, R.; RAIMUNDO, J. A. O negacionismo científico refletido na pandemia da COVID-19. *Boletim de Conjuntura*, ano III, vol. 7, n. 20, p. 67-78, 2021.
- MORAES, L. E. S. O Negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, p. 1-16, 2011.
- MORAIS, A. R. A. Between scientific and health negationism: the bolsonarist rhetoric in the covid-19 pandemic. *Scientific Journal of Applied Social and Clinical Science*, v. 2, p. 2-10, 2022a.
- MORAIS, A. R. A. ‘Brazil above all, god above all’: political discursive formulas and hate speech in contemporary Brazil. *International Journal of Human Sciences Research*, v. 2, p. 1-8, 2022b.
- MORAIS, A. R. A. Bolsonaro style and anti-politics: from denial to exaltation of the Brazilian military dictatorship. *Scientific Journal of Applied Social and Clinical Science*, v. 2, p. 1-13, 2022c.
- MOURA, B. A. O que é natureza da ciência e qual sua relação com a História e Filosofia da Ciência? *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 7, n. 1, 32-46, 2014.
- RESENDE, V. Análise de discurso crítica como interdisciplinar para crítica social: uma introdução. In: MELO, I. F. *Introdução aos estudos críticos do discurso: Teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 99-112.
- SINCLAIR, J. M. Preface. In: GHADESSY, M.; ROSEBERRY, A. H. R. L. *Small corpus studies and ELT: theory and practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, p. VII-XV.
- STUBBS, M. *Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- WEISSER, M. *Practical corpus linguistics: an introduction to corpus-based language analysis*. UK: John Wiley & Sons, Inc, 2016.
- WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. United States of America: Oxford University Press, 1976.

